

2ª PARTE

Estudios

Glossário: P E D R A

Beatriz Alcântara

Nous pourrons dire que la nature a une ame végétative et que sa chair est le sol et ses os les ordres d'agrégations des roches que se développent en montagnes; et ses tendons sont les tufs; son sang, les veines de l'eau...

Leonardo da Vinci

A vasta pesquisa realizada na intenção de um glossário da palavra **pedra** ensejou o reconhecimento de que as palavras se transmudam, submetidas a evidentes alterações, novas alianças e associações, crescentes desvios de imagem ou ainda simples acréscimos, ao correr do tempo, em sua relação específica com o universo literário de Língua Portuguesa, nomeadamente em Portugal e no Brasil.

Partindo da observância dessa constatação, senti-me instigada a prosseguir essa vertente e decidi-me por uma crescente ampliação de dados para o estudo da palavra **PEDRA**.

Do latim *petra, ae*, emprestado ao grego antigo *petra*. Os bons escritores latinos utilizavam a palavra *saxum* em detrimento do vocábulo *petra*, mais popular, sendo provável que esta última tenha advindo da linguagem rude dos homens do mar, os marujos.

Nos primórdios da antiguidade clássica a **pedra** identificava-se, com certa proximidade, do universo da Literatura. Seu uso, ainda que em modulações várias – penhasco, rocha, calhau, penedo, rochedo, seixo, fraga, mármore, granito, xisto, lousa, cascalho e pedrouço –, sempre emprestou ao escritor a certeza de um elemento fixo, a noção de permanência, de um estar no mundo antes do homem e nele permanecer após o desfecho. Diz Gaston Bachelard a este propósito, na *Poétique de l'Espace* – (que em gesto de muita audácia ouse completar, intercalando minhas próprias palavras) - *L'Homme naît de la Pierre*, uma vez que os que lhe foram ancestrais permaneceram *emprisonnés*

dans les formes géométriques solides. Por este modo a **pedra** (e só a este vocábulo se prenderá nosso estudo) ecoaria no imaginário como a permanência de um procedimento totalitário que se solidificou no infinito onde perseverará muito além dos tempos, alheio à finitude.

Recuando-se aos tempos primitivos da humanidade, constata-se que a **pedra** por sua condição de resistência, durabilidade, forma física irrepetível e porque dela ainda se pode extrair o fogo sem que sua inteireza seja afetada, propiciou, desde sempre aos homens a crença de possuir uma existência sobrenatural e ocasionando, em muitas civilizações, a condição de objeto a ser adorado.

O Antigo Testamento, em diversas passagens insurgiu-se com essa idolatria, *Não colocareis na vossa terra pedras trabalhadas para vos inclinardes diante delas* (Lucas, 26,1). Contudo, a intemporalidade da pedra não deixou, nunca, de fascinar a humanidade e acabou por vencer todos os credos e religiões.

No cristianismo, Jesus Cristo não é acreditado como a pedra angular, a pedra fundamental que iniciou a edificação de um novo pensamento de fé, de uma nova crença religiosa, a Igreja Católica?

Ressalte-se que, sendo os povos de Língua Portuguesa de tradição cultural religiosa judaico-cristã e na *Bíblia* encontrar-se a origem de sua religião ligada à **pedra**, nas palavras de Jesus Cristo aos Apóstolos, segundo S. Mateus (16,18) – *Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno nunca prevalecerão contra ela*, esse vocábulo iria sempre revelar-se como de imagem e uso muito constantes.

Interessante observar não ser hábito, naquele tempo, o emprego da palavra grega *Petros* como nome de pessoa e, quando ela assim foi empregada para nominar o chefe dos Apóstolos, *rocha* de insuspeita coesão e concordância entre as partes, assim estava sendo firmado um dos fatores regentes da nova religião, coesão de forças para manter um ideário e perenidade da crença religiosa. A associação imagética da **pedra** com a força e o determinismo místico do cristianismo venceu as intempéries, as perseguições e o prolongamento de todos os tempos.

Também a palavra Inferno – morada dos mortos – vem reforçar a idéia de permanência indissolúvel, pois que a Igreja edificada sobre a **pedra**, imperecível, jamais poderá vir a ser prisioneira da morte, tendo-se desse modo, como herança mítica religiosa, a compreensão íntima da alma, indestrutível.

O Brasil colônia conheceu o processo de aculturação ocidental e seus intrínsecos valores em decorrência do contato e convivência com as ordens religiosas jesuíticas e alguns letrados portugueses advindos para o processo de povoamento, portanto, seus valores seriam naturalmente assimilados, e forçoso será admitir-lhes a influência a partir dos primeiros momentos da Literatura de feição brasileira, como nessa estrofe do soneto “Aqui sobre esta pedra áspera e dura” do poeta inconfiante mineiro Cláudio Manoel da Costa, *Aqui sobre esta **pedra** áspera e dura/ teu nome hei de estampar, o Franceliza,/ A ver, se o bruto mármore eterniza/ a tua, mais que ingrata, formozura*. Enfoque não muito distante daquele que vem de ser observado no poema do século XVIII, assemelham-se os versos de além-mar de Daniel Felipe em “Nós sabemos porquê” – *Sonhá-la como se **pedra a pedra** a construíssemos Como/ se nada houvesse antes de nós/ e desde as fundações a erguêsemos completa*.

A eternidade e a coesão íntima de todos os elementos da **pedra** apresentam-se por tal modo unidos e indestrutíveis que se revestem, em certas ocasiões, de arrogância e autoritarismo de encontro à fragilidade humana. O poeta sempre atento ao sentimento irrealizado e volátil do ser, não resistiria a esse apelo de destorcer a supremacia consentida e, num evidente arrojo, sugere a desagregação física sua dissolução, tal como a areia se converteria em pó. Cecília Meireles experimentou esse desafio na “Canção do Carreiro” ao escrever – *Na verdade, o chão tem **pedras**,/ mas o tempo vence tudo./ Com águas e vento quebra-as/ em areia de veludo...*, porém tão frágil logo lhe parece o argumento do tempo de encontro à integridade da **pedra**, que a poetisa, como a desculpar-se da impertinência, de ânimo tão inseguro, aformoseia a areia como *de veludo*.

Retome-se a noção de permanência da **pedra** porque em torno desse aspecto e sua índole pedernal acha-se o núcleo gravitacional que oscila entre o chamado, o desvio, o afastamento ou o espriar de um grande número de imagens literárias. *Cem curvas se imprimiram sobre a argila/ orvalhada dos verbos ugaríticos,/ na primeira manhã das maravilhas/ resgatadas ao barro entre os dois rios,/ para após ter a pedra, tutelar,/ de um escopro primevo, os versos priscos.*, sextilhas do livro *Cartilha – Martelo-gabinete & Ferrografia*, de Virgílio Maia.

Se nos debruçarmos sobre os mais elementares compêndios históricos, deparamo-nos com indícios apontando a **pedra** como a noção mais primitiva de permanência. Registre-se, nesse sentido, a ancestralidade de algumas civilizações documentada sobre sua condição física, como os misteriosos *menirs* megalíticos, no círculo de Stonehenge, na Inglaterra, ou nas pinturas aborígenes australianas com mais de 12 mil anos. Não seria possível deixar de mencionar a insólita paisagem de pedras vulcânicas do Vale da Rosa, na Capadócia, Turquia, e suas formações rochosas esculpidas, vestígios dos primórdios da humanidade, verdadeiras cidades subterrâneas, sem idade, mas algumas ainda hoje habitadas – cidade de Kagmakil – onde segundo a lenda, seria o local de nascimento de Maria, Mãe de Jesus. *Como a pedra, que não tem espera nem é esperada, fiquei sem idade*, de Mía Couto, no conto “O Cesto”.

Mais próximo ao nosso tempo, em torno de 3 mil anos passados, as pinturas rupestres de objetos celestes, plantas, seres humanos e animais foram encontradas e podem ser observáveis em alguns estados do Brasil como Piauí, Goiás, Minas, Paraíba e Bahia, entre outros achados de menor vulto. É provável que nessas **pedras** chamadas pelo povo Tupi de “itaquatiara” (pedras lavradas), repouse um testemunho cultural de perpetuidade, ou mesmo de alicerce eterno, tendo em vista as incontáveis localidades brasileiras nominadas a partir do fonema indígena *i'ta* (pedra) – Itajaí, Itamaracá, Itabuna, Itapipoca, Itapiúna, Itapema, Itacoatiara, Itapebuçu, Itamarajú, Itaparica, Itaguaçu, Itabira, Itaqui, Itaituba, Itaquatiá, Itabaiana, Itabela, Itapajé, Itajubara, Ita-

puã e Itatiaia, entre muitas mais, apenas citando aqueles logradouros que ocorreram de imediato.

Prosseguindo dentro do mesmo conceito de anterioridade e posteridade da **pedra** ao homem, extraíram-se algumas passagens de poemas e textos da Literatura Brasileira, próximos à contemporaneidade, que asseveram certa antítese: de Manuel Bandeira em “Ouro Preto” da *Lira dos Cinqüentanos – Que resta do esplendor de outrora? Quase nada: / Pedras...templos que são fantasmas ao solposto.*; da poetisa mineira Henriqueta Lisboa, nos versos de “Poesia de Ouro Preto” – *Em cada arranco do solo,/ batida de pedra e cal/ ver a eternidade em paz.*; do Príncipe dos Poetas Cearenses, Artur Eduardo Benevides em *A Rosa do Tempo ou O Intérmino Partir – E morreremos muito mais ainda/ sobre as pedras da espera que não finda*; e do poeta João Cabral de Melo Neto, que fez da **pedra** um multissímbolo, versos de **A Educação Pela Pedra – Procura a ordem/ que vê na pedra:/ nada se gasta mas permanece.**

Curioso observar a noção de imortalidade da **pedra** e a proximidade que nela procura a alma humana, como se assim encontrasse um apoio solidário, quase fraterno ao resistir, firme, ao embate hostil da morte. Por certo é nessa consideração que se apóiam os escritores, ainda que muitas vezes de forma velada, como inconscientemente, quando lhe dedicam, em grande profusão, os títulos de suas obras, em batismo de imortalidade. Vejamos, sem o intuito de esgotar busca e exemplificação, os títulos recolhidos de publicações na Literatura Brasileira: *Pedra Bonita*, José Lins do Rego; *Pedra do Sono e Educação Pela Pedra*, João Cabral de Melo Neto; **Pedra Solidão**, Libério Neves; *O Homem de Pedra*, Álvaro Pacheco; *Caminho de Pedra*, Rachel de Queiroz; *Pasto de Pedra*, Bueno de Rivera; *Pedra Bruta*, Fontes Ibiapina; *Pedra em Sobressalto*, Francisco M. de Moura; *Pássaro de Pedra*, Gilberto Mendonça Telles; *Chuva de Pedra*, Menotti Del Picchia; *O Meio da Pedra*, Judith Grossmann; *Ciranda de Pedra*, Lygia Fagundes Telles; *Cais, Saudade em Pedra*, Moacir Lopes; *O Anjo de Pedra*, Octávio de Faria; *O Fiel e a Pedra*, Osman Lins; *A Faca e a Pedra*, Renata Pallotti-

ni; *Pedra no Lago*, Stella Leonardos; *A Pedra Iluminada*, Walmir Ayala; *Pedra Viva*, Josué Montello; *Pedra Canga*, Teresa A. Eisenstat; *Pedra da Transmutação*, Foed Castro Chamma; *Pedra de Assunto*, José F. das Chagas; *Pedras de Armas*, Pedro Calmon; *A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, Ariano Suassuna; *Ponte de Pedra*, Yolanda Jordão; *A Pedra*, Durval de Moraes; *Água da Pedra*, Beatriz Alcântara; *Pedras Altas*, Emil Bulhões de C. Fonseca; *A Pedra com o Menino*, Ronaldo Simões Coelho; *Casa de Pedra*, Vicente Ataíde; *A Pedra no Sapato do Herói*, Orígenes Lessa; e *Pedra Dura*, Vera Lúcia Ribeiro.

Mencione-se, nomeadamente rica ocorrência de títulos na Literatura Portuguesa: *Pedras Lavradas*, Miguel Torga; *Uma Pedrada no Charco*, Tavares Rodrigues; *A Pedra no Lago*, Fernanda de Castro; *Pedras que Falam*, Antonio de Campos Junior; *Pedra Filosofal*, Jorge de Sena; *Noite de Pedra e Ciclo de Pedras*, Luis Veiga Leitão; *Em Cada Pedra Um Vão Imóvel*, Fiama Hasse Brandão; *A Pedra Nua*, António Ramos Rosa; *A Jangada de Pedra*, José Saramago; *O Caldo de Pedra*, Teófilo Braga; e *Eu Hei-de Amar uma Pedra*, Antonio Lobo Antunes.

Um dos mais remotos empregos do vocábulo **pedra**, em Literatura de Língua Portuguesa, surge investido de concepção vizinha à perpetuidade, de função vitalícia para além da morte e, novamente, extensão do corpo margeando o ideário inerente à civilização religiosa judaico-cristã. A referência estaria afeita à ressurreição de Jesus, Mt.(27,60 a 28,10) e à **pedra** que O recebeu ao encerrar-lhe o túmulo, do qual todos se afastaram, para três dias após ser encontrada de lado, na ascensão aos Céus.

Selecionamos apenas quatro exemplos entre os muitos versos encontrados e de grande expressão: *O homem é só. Mas constelar na essência./ Seu sangue em ouro se transmuta./ Na **pedra** ressuscita*, de Hilda Hilst, **Poesia**; do português António Osório, na “Ressurreição de Leopoldo Panero”, **A Ignorância da Morte – Não, Panero, não creio/ na ressurreição da carne./ Não esperes debaixo dessa **pedra****; na expressão de Cyro Pimentel – *...**pedra** aspirando à ressurreição*, extraída de “A Hora Pressentida” e, em versos mais recentes, *Não sei se*

*no terceiro dia/ alguém me espera. Ou se/ ninguém./ Em cada poema levanto a **pedra**/ em cada poema pergunto quem,* de Manuel Alegre em **Livro do Português Errante**.

Quando se tem em mente que ela existia antes do homem tomar forma e tornar-se carne, e que recebeu o Filho de Deus, envolvido em mortalha, protegeu-Lhe os despojos dos maléficos infiéis para depois presenciar Sua ressurreição, apercebe-se que, de simples **pedra**, coisa inanimada, ela veio a transformar-se em memória residual da humanidade, dos seus acontecimentos nas mais diferentes e sucessivas civilizações.

Depositário do legado residual da **pedra**, o Cristianismo não se furta de erigir-lhe as mais diversas igrejas, incomuns, rupestres, escavadas ou construídas nas rochas: Capela de Santa Cruz no Arizona; Igreja de St. George em Lalibela - Etiópia; Mosteiro de Selime - Göreme; Capela S. Quirino no Luxemburgo e Capela de St. Michael d'Ainguilhe, em Puy Velay - França, entre algumas outras mais.

Abordando a memória rígida da **pedra**, Vitorino Nemésio no poema "A Concha" confessa - *Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,/ sentado numa **pedra** de memória.* Murilo Mendes focaliza esse mesmo aspecto, porém empresta-lhe maior abrangência quando modela o seu "A Criação e o Criador", em *As Metamorfoses*, sob a alegoria judaica de Lázaro: *O poema oculto dorme na **pedra**:/ levanta-te, toma essência, corpo./ Imediatamente o poema corre na areia...*

Desloque-se o estudo evolutivo da palavra **pedra** para uma outra observância igualmente representativa, a esfera dos conflitos por si suscitados e sua interseção no imaginário dos escritores, muitas vezes ocorrendo de forma abrupta, vindo a requerer nova formulação, mais radical, do processo interno e inconsciente de angústia.

Verifique-se, de Cassiano Ricardo, o poema "O Avião e o Pedestre" - *Tenho uma **pedra** como travesseiro/ esqueci anjos, lua,/ todas as coisas que moram no céu,* ou, com já alguma contundência, nos versos de "Terra" de Cecília Meireles - *Mamei teus peitos de **pedra**/ constelados de prenúncios,* de igual impacto são os versos de "A Minha Dor" de Florbela Espanca - *A minha Dor é um convento ideal/ cheio*

de claustros, sombras, arcarias,/ aonde a **pedra** em convulsões sombrias/ tem linhas dum requinte escultural. Não seria possível passar sem mencionar, nesse contexto, a trágica atualização do mito de Sísifo (sentenciado a rolar um bloco de **pedra** montanha acima por toda a eternidade), a nós confienciada, ferida aberta, no poema “Exorcismo”, de Márcio Catunda – *Eu quebro a lâmpada na festa de Caim. Não me suicidarei enquanto puder arrastar essa **pedra**: Sísifo resistindo ao peso de sua condenação.*

É manifesto o impulso de continuidade indivisa da **pedra**, nas forças que alimentam os mitos, desde os mais remotos tempos da civilização, aos quais os escritores contemporâneos se esforçam em resgatar para a modernidade, como se teve ocasião de observar no exemplo anterior expresso pelo poeta-diplomata, igualmente observável e ainda ampliado por esses versos de Lupe Cotrim Garaude em *Inventos* – *Não nos rios,/ na **pedra**,/ imortalizo em mim/ o sonho de Narciso*, como se Narciso apenas obtivesse imortalidade numa condição pétreia sobre a beleza, perdida a notoriedade pelo espelho de água, tão efêmera a água a escorrer sem forma nem rumo, matéria que nega a permanência de um estado próprio, sólido-liquido-gasoso, como atingir tempos imorredouros?

Só a **pedra** possui condição eterna de constância pela forma e conteúdo, enquanto a instabilidade das águas cambiantes assusta o poeta que tomando emprestada a lira maviosa a Orfeu pensa e decide associar-se: *...ou como Orfeu da **pedra**/ fabular do mito,/ assim o rio nasce/ de seu mole granito*, palavras do concretista José Alcides Pinto extraído do poema “Biografia do Rio”, num resgate ancestral da força melodiosa e pacifista dos acordes do herói e músico grego que, pela harmonia domava não só os animais, como suspendia o curso dos rios e fazia suspirar o vento. *Nossos dias se vão liquidamente/ como as águas de um rio interminável/ sobre **pedras** e cascalhos a corrente/ caminha o seu caminho sem cansaço*, invocações de Napoleão Maia Filho em “Os Doces Traumas”, a associar o recorrente confronto das forças primeiras da natureza e o tempo, senhor de todas elas.

Casos existem, ainda, onde a pedra introduz-se no texto literário como massa densa, angustiosamente orgânica, a aspirar a imortalidade, *A quem me queixarei, cego, perdido,/ pois nas pedras não acho sentimento?/ Com quem falo? A quem digo meu tormento/ que onde mais chamo sou menos ouvido?*, versos extraídos do “Soneto 112” de um dos maiores poetas de Língua Portuguesa, Luís de Camões.

No universo literário, ocasiões existem onde é dado conhecer, em nítido paradoxo, a eternidade de uma natureza pétreia à qual é consentida uma experiência sensitiva. Drummond registrou todo o pesar deste anseio melancólico no soneto “Legado” – *De tudo quanto foi meu passo caprichoso/ na vida, restará, pois o resto se esfuma,/ uma pedra que havia em meio do caminho*, aliás a metáfora da “**pedra** no meio do caminho” vai além de uma recorrência na obra do poeta nascido em Itabira (**pedra** verde), talvez ela seja um instrumento dialético do universo de sua poesia que, junto à imagética do “mundo” poderia, pela duidade, desvendar o “claro enigma”.

Por vezes a **pedra** revela, pela inventividade do escritor, uma concepção de poesia que retoma, na obra artística, o sentimento de mistério da criação estética. Guimarães Rosa, no conto “O Recado do Morro” de *No Urubuquaquá, No Pinhém*, utilizou uma frase que denota os esforços de “seo” Jujuca na tentativa de sensibilizar o senhor Alquisar para o universo “poético” sugerido com os versos cantados à viola: *sem aprender embora o inteiro sentido, de fora a que ele pudera perceber o profundo do bafo, da força melodia e do sobressalto que o verso transmuz da pedra das palavras*.

A **pedra** como processo é um desafio à atitude contemplativa do tempo a esvair-se, é por certo a maior fenda que se introduz na sequência de uma visão diferenciada das coisas inanimadas. A coisa, a **pedra**, intervém no tempo como um abismo vertiginoso a desafiar o enigma, sempre o mesmo há milênios – **pedra** testemunha de força imobilizadora – do olhar emissivo e que o poeta Barros Pinho desloca para a imagem do espelho simultaneamente emissiva e receptiva do olhar – *no espelho/ medra/ a pedra*, no poema “Rocha de Vidro”.

Um procedimento literário, que fratura os limites lógicos estabelecidos na existência comum, permite vislumbrar outras imagens pétreas dissociadas, normalmente, dos elementos históricos tradicionais. Sob um novo conceito, o caráter da **pedra** escamoteia a infinitude para acolher a dor que os poetas deveras sofrem: *uma estrada,/ um leito,/ uma casa,/ um companheiro./ tudo de pedra*. – Cora Coralina no *Meu Livro de Cordel*; *o meu amor é o musgo que se prende/ ao dorso hostil de um coração de pedra* - “Musa Medieval”, de Da Costa e Silva; *Que mudez infernal teus lábios cerra/ que ficas vago, para mil olhando,/ na atitude da pedra* – do simbolista Cruz e Souza em seus **Últimos Sonetos**; *Diante do pecado/ Negava sua participação/ No mundo das trevas./ As pedras rolavam sem rumo/ As plantas perdiam a cor/ O sentido oculto das coisas aparecia*, “Juízo Final” em *Cordilheira do Fogo*, da escritora/atriz Fernanda Quinderé e, ainda ensombrando a dor pela **pedra**, trazemos o desabafo do semi-heterônimo pessoano, Bernardo Soares, no **Livro do Desassossego** – *pedra, corpos, idéias – está tudo morto. Todos os movimentos são paragens, a mesma paragem todos eles*.

A ameaça proveniente da insatisfação, da dor, do prolongamento da inconformidade humana frente aos desconcertos do mundo (tema sempre recorrente na Literatura de todos os tempos) e a impossibilidade de adaptação a eles gera um sentimento introjetado de ameaça desencadeador de cólera. A vingança colérica dos fracos enuncia-se então como simulacro do modelo judaico-cristão em que a **pedra** pode surgir como um utensílio hostil que agride ou suplicia, encontrável na passagem bíblica do Novo Testamento, S. João (8,3-11), “A Mulher Adúltera”, escribas e fariseus incitando Jesus Cristo a condenar a adúltera ao apedrejamento e ouviram-lhe em resposta – *aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela*. Assim vista a **pedra** – arma - não se torna mais do que familiar a mobilização deste conceito no universo literário: *e como eu os repreendesse/ me jogaram pedra depois* – no poema “Berimbau”, de Casiano Ricardo; *do poeta solitário/ lançam pedra ao calvário, / lançam*

blasfêmias à cruz – “Adeus, Meu Canto”, do condoreiro Castro Alves; *ninguém me estende a mão./ E as mãos atiram pedra* – Cora Coralina em “O Chamado das Pedras”.

Fazendo novo recuo no tempo, muito anterior ao nascimento de Jesus, encontra-se o lendário combate do predestinado rei David contra Golias, o gigante herói filisteu. A luta em que Golias é humilhado e morto pelo jovem guerreiro David com sua funda e uma **pedra** simboliza a superioridade da inteligência sobre a força.

Para um escritor, o fazer literário pode ser a enunciação de um presente cujo passado não mais reproduz o real, pois ele vê o mundo metaforicamente e opera uma vivência do presente, quase sempre deformada, senão incompreendida, resistência ao mistério das coisas. É desses mistérios que se apresentam pela força obstinada do mundo voluntarioso, ávido em petrificar sua alma que nos fala João Cabral de Melo Neto no livro *A Educação pela Pedra – no sertão a pedra não sabe lecionar,/ e se lecionasse, não ensinaria nada;/ lá não se aprende a pedra: lá a pedra,/ uma pedra de nascença, estranha a alma*, por outro modo expressa a mesma observação, *ainda que seja noite/ o sol existe/ por cima de pau e pedra/ nuvens e tempestades/ cobras e lagartos/ o sol existe...* em *A Palavra e a Palavra*, de Horácio Dídimo.

A par desta manifestação de enigma do olhar sobre a **pedra**, registra-se outra tendência que corresponde à temática da melhor tradição poética da Língua Portuguesa, ou seja, a fragilidade do homem frente à fugacidade do tempo, da vida. Adriano Espínola associa lembranças da cidade natal ao tempo de medida incerta no seu curso, a ele revelando quão frágil pode ser de encontro à inabalada dureza que ela opõe. Nos primeiros versos de “Residência” encontra-se esse desafio: *O corpo de minha cidade/ é um naco de terras à beira-mar./ Nele, as ondas quebram/ o tempo por entre pedras./ As dunas, empinadas apontam-no/ para o céu de minha boca.*

O Príncipe dos Poetas Cearense associa suas palavras de arte à condição natural da **pedra**, minério, para ressaltar a impossível correspondência entre ambos e humildemente expô-la, consciente de ser pouco

mais que nada, um nada que o tempo gosta de encerrar em sua caprichosa mão: *minha real ou imponderável amada,/ aproxima-se o fim de minha estrada,/ feita de relvas, pedras e pauis.* – Artur E. Benevides em *Elegias de Outono e Canções de Muito Amar e de Adeus*. Verdade humana e poética que não escaparia à observação sentida do grande bardo da Literatura de Língua Portuguesa - *Assim, que nestas redes enlaçado,/ a penas dou a vida, sustentando/ uma nova matéria a meu cuidado./ Suspiros d'alma tristes arrancando,/ dos silvos de uma pedra acompanhado,/ estou matérias tristes lamentando.* – versos de renovadas angústias, nos dois tercetos de um soneto de Luiz Vaz de Camões

Quanto à dialética que a **pedra** suscita como objeto de resistência, Bachelard fornece-nos uma apreciação dos objetos resistentes: *Tous ces objets résistants portent la marque des ambivalences de l'aide et de l'obstacle. Ils sont des êtres à maîtriser. Ils nous donnent l'être de notre maîtrise, l'être de notre énergie*” – *La Terre et les Rêveries de la Volonté*. Ora, se a **pedra**, como matéria revela-nos nossas próprias forças, na medida em que a intuição primeira do ser, o *Urgestein* de Goethe, ao mesmo tempo ela mostra-se agente provocador, o obstáculo. O escritor desejou, por certo, viver esse desafio quando escreveu - *por dentro e mim, a pedra/ e, aos pés da pedra,/ essa sombra, pedra que se esfalga./ Pedra, letra, estrela à solta* – Paulo Leminski em *Distraídos Venceremos*. Outras ocasiões, o poeta faz de sua contemplação um ato de coragem, opondo ao instinto de um universo paralisado a provocação de certa correspondência anímica, *vento do tempo/ me estremeceu: ele era pedra/ da minha pedra/ mas nunca soube/ se era bem meu* – Cecília Meireles, no poema “A Mulher e o seu Menino”.

Impossível qualquer escritor empregar desavisadamente, ou mesmo de modo desatento, a palavra **pedra**, pois que sua matéria é uma afronta tão evidente que desencadeia no ser humano, quando não seja uma reação de ataque, pelo menos um escape astucioso a tentar impenetrabilidade: *a pedra tumular coberta pela relva/ não sente o sol em sua pele pétrea,/ há uma delgada sombra entre o chão e a folha/ - aí me escondo para sempre,/ sob a relva,/ pedra fria de meus sonhos/ mortos* – José Helder de Souza em *Sonetos de São Luiz*.

Diz-nos Bachelard, ainda, em *La Terre et les Rêveries de la Volonté*, que existe uma indisfarçável correspondência entre a matéria de um objeto e aquele que o contempla, como se nessa relação, espelho e observador se procurassem movidos por uma identidade comum, *la matière est notre miroir énergétique; c'est un miroir qui focalise nos puissances en les illuminant de joies imaginaires*, testemunho este encontrável nos versos da paulista Lupe Cotrim Garaude no poema “De Pedra”, do livro *Entre a Flor e o Tempo: eu sou de **pedra**, me dizias,/ a defender tua distância./ - Eu sou de **pedra** - insistias./ - Pesado. Denso. Inalterável./ De estofa eterno./ Apenas estou, não sofro;/ se algum gesto me ferir,/ eu sou duro:/ quebrarei o gesto sem sentir*. Aqui, todas as multiplicidades do mundo hostil, denso e pesado golpeiam o ser, precipitando tensão e dor, evidenciando que o homem ao olhar-se no espelho da matéria que persiste fixa no eterno, acha-se desconfortável, ou mesmo ofendido em sua condição mutante, efêmera. A **pedra** encerra, pela dor do olhar contemplativo, o mistério do duelo entre a matéria e o universo sensorial humano, *todos se transformaram em **pedra**./ já não sinto piedade* – “Idade Madura”, de Drummond de Andrade.

Porém entre as forças inumanas postas em natureza, parece haver uma convivência harmônica: *na forma da lua/ nos pés a lâmina das águas/ limpa a face das **pedras*** – Barros Pinho em “Maria Paula”; *rio descendo a ladeira/ rio dançando nas **pedras*** – Francisco Carvalho em **Rosa dos Eventos**; *Mas entre as **pedras** o clamor de agora/ é semente tenaz, que depois medra, banhada pela luz de grande aurora*, soneto “Profecia”, de Linhares Filho.

Em alguns momentos o poeta vislumbra até uma relação solidária, onde a água indo de encontro às **pedras**, com elas estabelece uma permuta de energias: *As ondas roxas do rio rolando a espuma/ batem nas pedras da praia o tapa claro* – “Minuano”, de Augusto Meyer; *navegam meus olhos./ meus olhos navegam./ nas **pedras** e rochedos as águas se quebram,/ embarco nas ondas,/ nas vagas inquietas* - Marly Vasconcelos em “Barcarola”, de **Cãtygua Proença**l.

Ao examinar tantas e tão diversas forças de que se reveste a palavra **pedra**, intui-se uma noção que encontra correspondência numa passagem do volume *O Ouro dos Templários; Gisors ou Tomar*, de Guingand e Lanne, e que vem em reforço à epigrafe deste estudo: *A Pedra e o Medium que assegura a ligação entre o solo e o céu por intermédio do sol, quando é dimensionalmente chamada à sagração por meio do côvado, medida vertical e feiticeiresca. Embora a **pedra** – a carne da terra – seja dotada de uma ressonância própria, adquire no santo dos santos uma finalidade mais perfeita quando se reveste de ouro e, por certo, pensando na **pedra** como “carne da terra” que o poeta lusitano Pedro Tamen escreveu no poema “De Agora, Estar”, do livro **O Quarenta e Dois Sonetos – A luz que vem das pedras, do íntimo da pedra, / tu a colhes, mulher, a distribuis / tão generosa é a janela do mundo**. Neste mesmo sentido de **pedra**, pulsação da terra, Florbela Espanca legou no soneto “Noitinha” – *Num êxtase, eu escuto pelos montes / o coração das **pedras** a bater...; ser a **pedra** remota / e a brisa recente / a que aparece ou a que não se nota: / ser ilha e continente*, de Juarez Leitão em **Ignis: o inventário da paixão**.*

Se fosse possível inventariar os diversos traços que ela imprimiu na Literatura de Língua Portuguesa, ter-se-ia, por certo, entre os vocábulos de maior recorrência às imagens com as quais foi associada: resistência – estabilidade – punição – perene – esmagamento – insensibilidade – tumulto – pujança – desafio – fraternidade – medo – impassibilidade – pulsação – resistência – coragem – provocação – dor – eternidade – espelho – desintegração – ambivalência – afronta – dureza – provocação – obstáculo – ameaça – dor – infinitude – coisa – mistério – eternidade – arrogância – impenetrabilidade – dura – inalterável – pesada – eterna e ressurreição.

Chegando ao fim desse estudo sobre a **pedra** pensa-se que de todos os enfoques encontráveis ao longo da pesquisa, aquele que melhor exprimiu a intranquilidade do homem frente à **pedra** acha-se *in fini*, num dos mais conhecidos poemas de Drummond, que jamais poderia passar sem vir a ser transcrito, na sua íntegra:

*No meio do caminho tinha uma **pedra**
Tinha uma **pedra** no meio do caminho
Tinha uma **pedra**
No meio do caminho tinha uma **pedra**.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma **pedra**
Tinha uma **pedra** no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma **pedra**.*

Em pouco mais de quatro palavras encerramos, por fim, o glossário relativo à expressiva unidade léxica, **pedra**, que na Literatura de Língua Portuguesa achou-se tão legítima no seu ânimo, incitada pelas propostas de tantos escritores, findou agigantando-se sem peias, não se podendo prever o término dessa distensão.

Por respeito à **coisa-pedra**, que habitava o universo muito antes de nós, os humanos, que permanecerá nos dias das gerações vindouras, sempre no confronto com o tempo, e por não haver como saber qual o vencedor da contenda, colocamos um ponto, como fim.

Escritores de Língua Portuguesa citados no Glossário **P E D R A**

Adriano Espínola, Álvaro Pacheco, Antonio de Campos Junior, Antônio Osório, Antônio Ramos Rosa, Ariano Suassuna, Artur Eduardo Benevides, Augusto Meyer, Barros Pinho, Bueno de Rivera, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Castro Alves, Cecília Meireles, Cláudio Manoel da Costa, Cora Coralina, Cruz e Sousa, Cyro

Pimentel, Da Costa e Silva, Daniel Felipe, Durval de Morais, Emil Buhlões de Fonseca, F.P. – Bernardo Soares, Fernanda de Castro, Fiana Hasse Brandão, Florbela Espanca, Foed Castro Chamma, Fontes Ibiapina, Francisco Carvalho, Francisco M. de Moura, Gilberto Mendonça Telles, Guimarães Rosa, Henriqueta Lisboa, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Sena, José Alcides Pinto, José F. das Chagas, José Helder de Souza, José Lins do Rego, José Saramago, Josué Montello, Judith Grossmann, Libério Neves, Luis Veiga Leitão, Luiz Vaz de Camões, Lupe Cotrim Garaude, Lygia Fagundes Telles, Manuel Bandeira, Márcio Catunda, Marly Vasconcelos, Menotti Del Picchia, Miguel Torga, Moacir Lopes, Murilo Mendes, Octávio de Faria, Osman Lins, Paulo Leminski, Pedro Calmon, Pedro Tamen, Rachel de Queiroz, Renata Pallottini, Stella Leonardos, Tavares Rodrigues, Teresa A. Elisenstat, Vitorino Nemésio, Waldir Ayala, Yolanda Jordão